



Texto Livre: Linguagem e Tecnologia
E-ISSN: 1983-3652
revista@textolivre.org
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

de Souza Júnior, Jaime

MEMES DA INTERNET E A PRODUTIVIDADE FUNCIONAL: UM ARGUMENTO
SISTÊMICO-FUNCIONAL E CRÍTICO-DISCURSIVO PARA A PROPAGAÇÃO DOS
FENÔMENOS

Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 6, núm. 2, julio-diciembre, 2013, pp. 106-125
Universidade Federal de Minas Gerais

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=577163627002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

MEMES DA INTERNET E A PRODUTIVIDADE FUNCIONAL: UM ARGUMENTO SISTÊMICO-FUNCIONAL E CRÍTICO-DISCURSIVO PARA A PROPAGAÇÃO DOS FENÔMENOS*

Jaime de Souza Júnior/Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: Neste estudo, pretendemos analisar *avaliadores* e *avaliados*, localizados via utilização da expressão memética “Que deselegante”. Para verificar, funcionalmente, *como* e *quem/o que* o usuário da expressão citada *avalia*, constituindo-se, assim, discursivamente, nos apoiaremos nos conceitos de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005); Dialogia e Alteridade (BAKHTIN, 1997). A funcionalidade será explorada via Linguística de *Corpus* (como metodologia). Extrairemos uma lista de palavras mais frequentes e listas de concordâncias baseadas em *colocados*, conforme Shepherd (2009), formados pelos seguintes padrões combinatórios: que deselegante + o/a/ isso, esse/a, este/ aquela/, ele/ela/, eu, você/vocês/, pessoas (eles/elas). Assim, objetivamos saber se, depois de adentrar a Internet, “Que deselegante” continuará sendo usada para *avaliar* ‘o outro’ via Julgamento de uma conduta (como na menção original), ou se a expressão revelará padrões de replicação novos e, conseqüentemente, graus de produtividade funcional, sugerindo-se, assim, uma nova característica constitutiva e perspectiva para o processo de replicação de memes da Internet.

PALAVRAS-CHAVE: Memes da Internet. Bakhtin. Linguística Sistêmico-funcional. Produtividade funcional. Análise Crítica do Discurso.

ABSTRACT: In this paper, we aim to analyse a popular Brazilian Internet memetic expression named “Que deselegante”, its Internet users and their appraised, based on three key concepts: Appraisal Theory (MARTIN; WHITE, 2005); Dialogism and Otherness (BAKHTIN, 1997). Corpus Linguistics will be used as a methodology. After extracting a wordlist and a concordance list, we will analyse the following collocates (SHEPHERD, 2009): que deselegante + o/a/ isso, esse/a, este/ aquela/, ele/ela/, eu, você/vocês/, pessoas (eles/elas). At first, we will monitor users’ patterns of evaluation and propagation of the memetic expression, regarding what/who is appraised. Afterwards, we will monitor the patterns of evaluation and propagation of “Que deselegante”, regarding how the categories of Attitude are used to appraise others. If both patterns reveal non-algorithmic replication processes, we conclude that memetic expressions evolve via functional productivity and therefore we suggest such kind of productivity as a new constitutive characteristic of the Internet meme phenomena propagation process.

KEYWORDS: Internet meme. Bakhtin. Systemic-functional Linguistics. Functional productivity. Critical Discourse Analysis.

* O presente artigo é uma versão ampliada e revisada do trabalho “Memes da Internet e a produtividade funcional: investigando conceitos e fenômenos via metodologia de Linguística de *Corpus*”, a ser publicado nos Anais da VII JEL - Jornadas de Estudo da Linguagem (2012), UERJ, Rio de Janeiro, Brasil.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, o qual dá prosseguimento a encaminhamentos apontados em Souza Júnior (2012), continuaremos nos detendo somente à investigação dos aspectos linguísticos (verbais) do “Que deselegante”: *um fenômeno memético brasileiro da Internet*.

“Que deselegante” é uma expressão que foi utilizada pela apresentadora Sandra Annenberg (“Jornal Hoje”, Rede Globo), em reação a um ato de invasão a uma cobertura jornalística, ao vivo, em rede nacional. Após a menção original por Sandra, a expressão é *memetizada*, isto é, a expressão é adotada por internautas, sendo utilizada de diferentes formas (inclusive multimodais) e com diferentes sentidos ou propósitos. A ocorrência dessas diversas manifestações multimodais, bem como dos propósitos constantes das referidas manifestações, a partir de um único item fixo, como a expressão “Que deselegante”, faz surgir o fenômeno memético na *Web*.

Retomando a questão da análise linguística deste estudo, esclarecemos que manteremos como nosso foco a *expressão memética* “Que deselegante”, conforme exemplos, na Figura 2, uma vez que nosso *corpus* é formado por postagens oriundas ou redirecionadas para o *microblog Twitter.com*. Expressões meméticas, no sentido de Souza Júnior (2012), podem ser entendidas como palavras ou expressões que, no seu processo de utilização e consequente propagação, não mantêm padrões de função ou propósito linguísticos únicos ou fixos. Caracterizam-se pela variação e coexistência desses padrões, portanto.

A essa variação de funções ou propósitos atribuídos a um mesmo termo fixo Souza Júnior (2012) deu o nome de *produtividade funcional*. Isso significa que: seja qual for o sistemaⁱ de análise linguística escolhido para mapear padrões de ocorrência de determinado item fixoⁱⁱ – considerando-se os domínios e limites desse mesmo sistema linguístico a ser utilizado para tal investigação –, se esse referido item fixo consegue desempenhar várias das funções características de tal sistema mapeado, o autor conclui que tal item apresenta uma gama de funcionalidades (i.e. modos de funcionar), apresentando, consequentemente, a produtividade funcional como sua característica constitutiva.

Interessados nos usos da expressão memética “Que deselegante”, bem como nas formas de produção de linguagem que tornam observáveis tais usos podem revelar, apoiar-nos-emos essencialmente sobre o Paradigma Funcionalista (HALLIDAY, 1987). Como consequência desse posicionamento teórico, objetivamos, por conseguinte, em um primeiro momento, buscar fundamento nos conceitos de Alteridade e Dialogia (BAKHTIN, 1997) e, posteriormente, no conceito de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005).

Submeteremos, assim, um mesmo *corpus* a uma nova investigação, fazendo, também, uso de um sistema de análise linguística diferente daquele utilizado em Souza Júnior (2012). Procuramos, assim, verificar em que categoria de Atitude a menção original (da ainda) “expressão” se enquadrou.

Temos como tarefa, neste estágio, a definição dos padrões de “outro” (*avaliado*) e de Atitude (*avaliação*) utilizados na construção do discurso de quem fez uso da expressão “Que deselegante” – inicialmente, a jornalista Sandra Annenberg, do “Jornal Hoje”, Rede Globo. Posteriormente, compararemos tais padrões com aqueles que surgem na *Web*, oriundos dos internautas. Desta maneira, objetivamos verificar se, neste ato de *apontar o dedo* ou *avaliar* “o outro” (“apontar o dedo” e “avaliar” terão o mesmo significado neste trabalho), o padrão de uso da expressão memética em questão, baseando-nos em um argumento linguístico, evolui como meme,

tanto no que diz respeito ao padrão de *avaliados* quanto ao padrão de categorias de Avaliatividade. Ademais, temos também a intenção de proceder à identificação dos propósitos empregados pelos internautas, mapeando o modo como eles utilizam a expressão memética em questão.

Em um terceiro momento, como mecanismo de interpretação dos significados implicados no uso da expressão memética – aspecto comumente negligenciado em estudos midiáticos que envolvem esse tipo de fenômeno –, procederemos a uma análise crítica, tomando como base a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2001; 2003), localizando tal análise, mais especificamente, no que tange ao *significado identificacional* (FAIRCLOUGH, 2003).

Neste trabalho, então, apresentaremos a revisão da literatura sobre os conceitos de meme, partindo da analogia original até a revisitação do conceito, dentro do escopo das redes sociais. Definiremos, em seguida, a *unidade de análise*, de acordo com critérios linguísticos, bem como as categorias teórico-analíticas envolvidas no processo de interpretação dos dados. Logo após, apresentaremos a metodologia, os critérios de compilação do *corpus*, para, em seguida, procedermos à análise do *corpus* e à interpretação dos dados. Finalizando, apresentaremos algumas considerações acerca da análise conduzida.

1 DO MEME AOS MEMES DA INTERNET: REVISITANDO O CONCEITO

O conceito de memes, considerando-se os novos sentidos e aplicações que o termo vem ganhando, apresenta-se numa escala de (re)interpretação teórica dividida em três momentos, conforme Souza Júnior (2012).

Dawkins (1979) cunhou o termo e o definiu como uma unidade de informação (ideia ou comportamento), que é transmitida de cérebro para cérebro, monoliticamente, de acordo com a perspectiva internalista (DAWKINS, 1982) daquele pesquisador. As características básicas de um meme, conforme Dawkins (1979), são: “longevidade” (um meme legítimo precisa durar); “fidelidade” (um meme legítimo se mantém fiel à ideia que o originou) e “fecundidade” (um meme legítimo é amplamente replicado para evoluir de diversas formas).

Como exemplo de aplicação desse conceito de meme, poderíamos pensar nos conceitos de “Fé” e “Natal”, instituídos e propagados como meme da “celebração do nascimento de Jesus”. Assim, “Fé e Natal como celebração do nascimento de Jesus” seriam ideias que se replicaram como memes, pois apresentariam categoricamente os três critérios que legitimam aquilo que constitui um meme, ou seja:

- a) *fidelidade*: Fé e Natal são conceitos que podem ser transmitidos – sem ruídos, de preferência – de pai para filho, ou da igreja para o fiel, por exemplo, como forma de tesouro ou herança cultural;
- b) *fecundidade*: o mesmo conceito deve ser transmitido por um determinado grupo de agentes, por meio de canais específicos de artefatos e práticas – de linguagem ou não –, por exemplo: retórica bíblica, orações, missas, rituais, etc. Em sua replicação, o propósito do referido conceito tem de se manter fiel à ideia original de quem o propagou primeiro, não importando a gama de artefatos e práticas específicas utilizadas para isso;
- c) *longevidade*: no ocidente, a vigência do calendário cristão atrelado à existência de templos ou igrejas com sua singularidade de práticas e artefatos – muitas datando a época em que

foram construídas – são evidências que nos possibilitam enxergar os conceitos de “Fé e Natal como nascimento de Jesus” como memes longevos.

Em um segundo momento, e com base em Dawkins (1982), surge a Memética, teoria a qual, apoiada ainda na conceituação do referido autor (1982), corrobora sua perspectiva internalista. É importante colocar que Dawkins apesar de ter cunhado o termo meme, nunca se considerou como um teórico pertencente à referida área de estudo. Desta maneira, mais especificamente a partir da obra *The Extended Phenotype* (DAWKINS, 1982), outros pesquisadores instauram definitivamente um paradigma baseado naquela mesma perspectiva. Paralelamente, de acordo com Tyler (2010), dentro da referida teoria, surge uma perspectiva externalista da Memética.

A perspectiva externalista da Memética se estabelece com Dennett (1995) – um dos mais respeitados críticos quanto ao processo de replicação monolítica dos memes – e Blackmore (1999; 2002). Tida por Dennett e Dawkins “como a verdadeira defensora da Memética” (LEAL-TOLEDO, 2013 p. 182), Susan Blackmore (2002) acrescenta aos memes a característica de “utilidade” (um meme legítimo se replica porque é útil). Dennett (1995) (mais enfaticamente) e Blackmore (2002) argumentam, assim, que ideias ou informações não seriam somente transmitidas monoliticamente ou de modo algorítmico, de cérebro para cérebro (como na perspectiva internalista). Tal transmissão e *memetização* (conjunto de expedientes de propagação por meio dos quais um meme evolui) poderiam ocorrer via “intermediadores”, tais como vídeos ou textos, por exemplo.

Contrastando o exemplo de aplicação do conceito de meme, apresentado no paradigma anterior, agora, dentro de uma perspectiva externalista, diríamos que os mesmos conceitos de Fé e Natal passariam a ser propagados como meme da “época de ganhar presente do Papai Noel”. Examinando a constituição da visão de meme a partir do paradigma externalista, teríamos:

- a) *fidelidade*: Fé e Natal são conceitos que podem ser transmitidos – com ou sem ruídos – de pai para filho/ de filho para pai, ou do comércio para o consumidor/ do consumidor para o comércio. Podem, por exemplo, ter sua condição de tesouro ou herança cultural e coletiva modificada para algo mais particular. Isto é: a figura de Jesus e a fé nele são alteradas – têm sua fidelidade afetada –, passando a coexistir com a figura de Papai Noel, que também é figura que, principalmente para as crianças, passa a existir pelo meme da Fé. Já para adultos do sexo masculino, por exemplo, os significados de Natal e Fé pode fazer emergir uma figura mais sexualizada como a de Mamãe Noel;
- b) *fecundidade*: o mesmo conceito ou uma variação deste podem ser transmitidos por um grupo ampliado de agentes, por meio de um leque ampliado de canais de artefatos e práticas – de linguagem ou não. Podem surgir para alcançarmos diferentes propósitos. Assim, nem sempre a ideia inicial de quem propaga um meme é passada adiante pelos replicadores da forma exata que foi recebida. Nessa perspectiva, Fé e Natal puderam se consolidar efetivamente como meme a partir de, por exemplo: imagens, presépios, orações, missas, renas, duendes, trenó, pinheiro de natal, propaganda, panfletos, cartões, calendários eróticos tematizados, ou canções de natal, etc.;
- c) *utilidade*: um mesmo conceito ou uma variação deste podem ser transmitidos por um grupo ampliado de agentes, por meio de um leque ampliado de canais de artefatos e práticas – de linguagem ou não. Essa variação de transmissões ocorre porque esses grupos podem (ou não) fazer usos de diferentes canais de artefatos e/ou práticas, podendo estes elementos apresentar padrões de utilidade coexistentes, dependendo do número de propósitos que se queira alcançar a partir do uso de uma única prática ou artefato, por exemplo;

- d) *longevidade*: a vigência do calendário cristão atrelada à existência de templos ou igrejas com sua singularidade de práticas e artefatos passaram a coexistir, há alguns séculos, em períodos específicos do ano (ou não) com as decorações inspiradas na terra do “Bom Velhinho”, independente da orientação religiosa das pessoas ou sua região de localização no globo. Essas variações mantêm – de modo não-algorítmico – a duração dos conceitos de “Fé” e “Natal” não mais como algo relacionado ao “nascimento de Jesus”. Esses referidos padrões de meme vêm coexistindo há alguns séculos.

Essa variabilidade de propagações é exatamente o que a Memética Externalista defende, indo, portanto, de encontro a uma orientação monolítica de replicação, que só se justificaria no paradigma internalista da Memética.

Finalmente, Recuero (2006), já no âmbito da *Web*, revisita o conceito de meme, relocando-o na esfera das redes sociais. Ratifica suas três características básicas, já apontadas por Dawkins (1979), incluindo uma nova, denominada “alcance”. Propõe, assim, que pelo “alcance” um meme, na *Web*, possa percorrer vários domínios – geográficos ou virtuais.

Os fenômenos meméticos da Internet, apesar de emergirem de uma mesma origem, podem se materializar e se replicar de formas variadas (conforme, por exemplo, Figuras 1 e 2), pois essa é uma característica prevista na Memética Externalista, paradigma ao qual nos associamos na interpretação do fenômeno de memes, adotando, portanto, posicionamento epistemológico divergente daquele proposto por Recuero (2006).

Aqui se faz necessário diferenciar e esclarecer o que entendemos por *memes da Internet* e fenômenos meméticos da Internet, comumente, na *Web*, tratados como se fossem semelhantes.

Localizando-nos, agora, do ponto de vista da Memética, os memes da Internet seriam, portanto, aquilo que se transmite em forma de *usos ou mecanismos*, via um processo colaborativo e coletivo de proliferação (exclusivamente *online* – pela Internet –, inicialmente). Assim, são transmitidos e percebidos, em primeiro lugar, os *usos/mecanismos de produção por mídia*: a produção e propagação, por exemplo, através de vídeos, fotos ou *gifs* – tipos de imagem com movimento, comuns na Internet.

Em segundo lugar, são transmitidos e percebidos os *usos/mecanismos de linguagem*: a apropriação dialógica, por exemplo, de expressões fixas, imagens e vídeos meméticos, no sentido de Bakhtin (1997), permeados pela recontextualização/ressignificação, no sentido de Fairclough (2001), ocorrendo nas diversas dimensões linguísticas, seja de forma verbal ou não-verbal. Esses referidos tipos de usos e mecanismos é que são transmitidos, não separadamente, e sim em conjunto, portanto.

Teríamos, dessa maneira, um grupo de dois ou mais memes – “memeplexos” para Blackmore (2002) –, atuando na estrutura profunda dos fenômenos meméticos, mobilizando sua propagação, através de *unidades mínimas* visualizáveis como os vídeos, perfis, expressões e *imagens meméticas*. Essas unidades individuais, depois, se cristalizam e se aglomeram na grande rede, acabando por ganhar um nome individual, tais como, por exemplo: “Que deselegante”, “Para a nossa alegria”, “Tenso”, “Luiza que está no Canadá” ou as recentes *mobilizações instantâneas* – *flash mobs*ⁱⁱⁱ, originariamente no Inglês – tais como o “Occupy Wall Street” ou, no contexto brasileiro, “#ogiganteacordou” e “#vemprarua”, que se originaram nas redes sociais – etc.

Para fins de exemplificação do conceito de memes da Internet exposto, apresentaremos, a seguir, alguns exemplos representativos do fenômeno memético da Internet “Que deselegante”.



Figura 1: Exemplo do fenômeno memético brasileiro da Internet “Que deselegante”, observável na modalidade audiovisual (vídeo memético que deu origem ao fenômeno)

Fonte: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=IB_Nigxxzx0>. Acessado em: 04 jun. 2012.



Figura 2: Exemplo do fenômeno memético brasileiro da Internet “Que deselegante”, observável na modalidade imagem memética (sem movimento).

Fonte: Disponível em: <<http://youpix.com.br/memepedia/que-deselegante/>>. Acessado em: 04 jun. 2012.

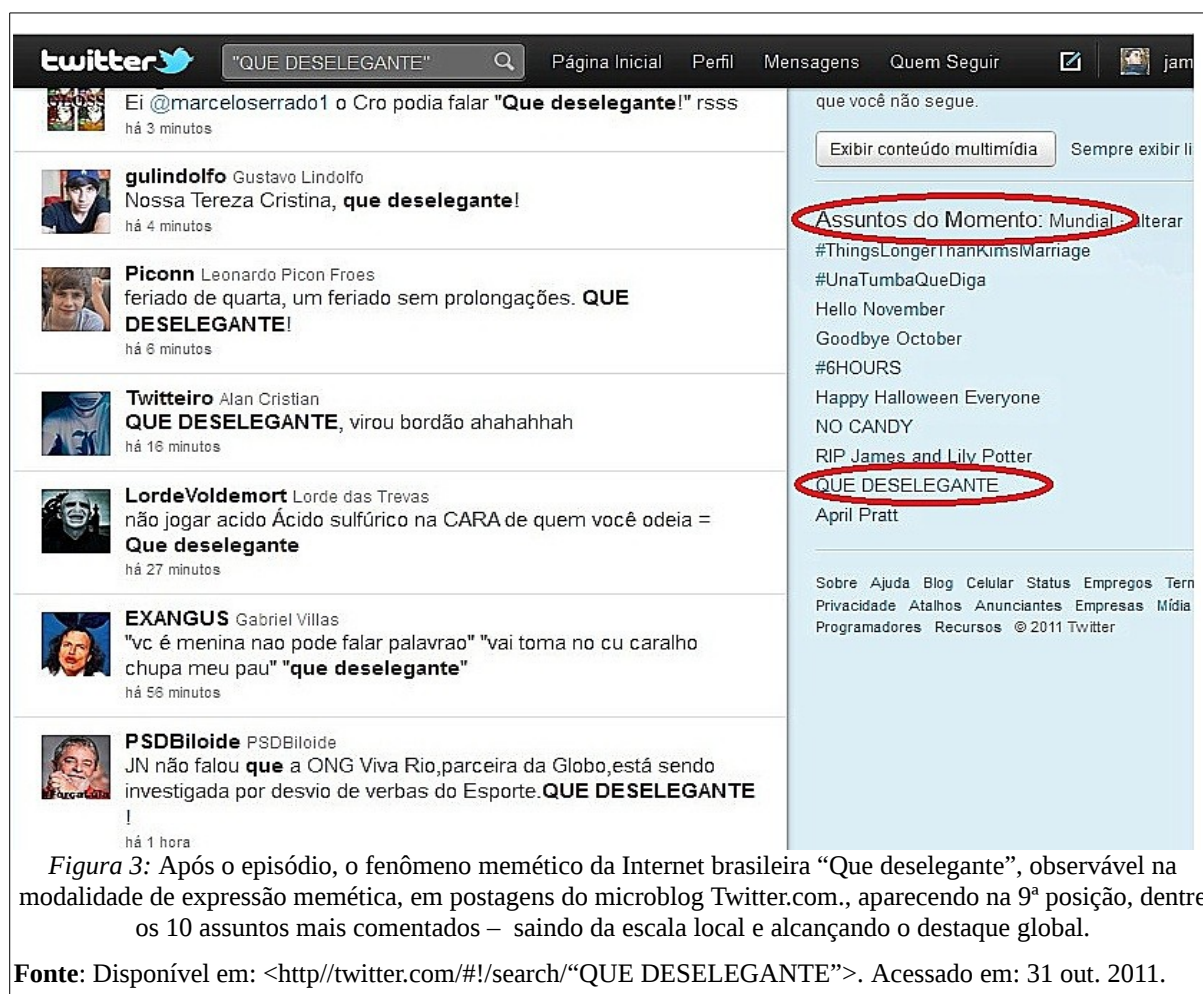


Figura 3: Após o episódio, o fenômeno memético da Internet brasileira “Que deselegante”, observável na modalidade de expressão memética, em postagens do microblog Twitter.com., aparecendo na 9ª posição, dentre os 10 assuntos mais comentados – saindo da escala local e alcançando o destaque global.

Fonte: Disponível em: <http://twitter.com/#!/search/“QUE DESELEGANTE”>. Acessado em: 31 out. 2011.

2 APORTE TEÓRICO: ALTERIDADE, DIALOGIA E AVALIATIVIDADE – RELAÇÕES

2.1 Alteridade e dialogia

Para explorar o *conceito de avaliação enquanto função* (o *que/quem* e *como* o usuário da *expressão memética* avalia “o outro?”), adotamos, de forma associada, os conceitos de Alteridade e Dialogia (BAKHTIN, 1997), pelo motivo de entendermos que, em termos de linguagem, a maneira como o usuário de “Que deselegante” se constrói, através da relação de *avaliar* ou *apontar* para “o outro” é, senão, via uma proposta de diálogo.

Por Alteridade, entende-se aquilo que seja oposto à identidade. Desta forma, a Alteridade aponta para uma preocupação em se constituir discursivamente através do “outro”, enquanto a identidade reflete o que é o indivíduo, seus caminhos percorridos. Sendo assim, a nosso ver, sem Alteridade, não há identidade, nem necessidade discursiva de *apontar o dedo* ou *avaliar* a quem quer que seja. Pela Alteridade, o ser humano se constitui por meio do “outro”. Por isso, esse conceito se faz relevante como princípio constitutivo do modelo de análise que sugerimos aqui.

A Dialogia, por sua vez, se refere à atividade do diálogo e à atividade dinâmica entre quem fala (quem *avalia* ou *aponta o dedo*, através do uso de “Que deselegante”) e “o outro” (o

avaliado ou o *apontado*), em ambiente estável e socialmente organizado, por meio da interação linguística (em nosso caso, o *microblog Twitter.com*). Conforme Bakhtin nos ensina:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos e modificamos (BAKHTIN, 1997, p. 314).

O conceito de Dialogia, em Bakhtin, refere-se tanto à produção de linguagem entre sujeitos quanto à influência de enunciações alheias na constituição das elaborações. Sendo assim, considerar “para quem” ou “para que” um falante/escritor *aponta o dedo* ou *avalia*, quando utiliza a expressão memética aqui investigada, implica assumir que um determinado “eu” (via uso da expressão memética, dialogicamente) se direciona para um determinado “outro”.

2.2 Avaliatividade e as categorias de Atitude

Para procedermos à nossa análise, através do *conceito de avaliação enquanto função*, tomaremos como base as categorias de Atitude, presentes no sistema de Avaliatividade, de Martin e White (2005). Um breve relato sobre o que indica cada uma dessas categorias se faz necessário, então.

Conforme Carvalho (2012), o modelo proposto e desenvolvido sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional nos trabalhos de Martin (2000), Martin e Rose (2003) e Martin e White (2005) procura dar conta da Avaliatividade a partir de três domínios semânticos: “os tipos de atitude que são negociadas em um texto, a intensidade dos sentimentos envolvidos e os modos pelos quais valores são atribuídos e leitores posicionados” (MARTIN; ROSE: 2003 *apud* CARVALHO, 2012), ou Atitude, Gradação e Engajamento, respectivamente. A autora citada complementa a informação, iniciada neste parágrafo, observando que, uma vez que Martin trata a Avaliatividade como parte da macrofunção interpessoal da linguagem, contempla em seu modelo não só a atitude expressa e a intensidade com que é manifesta, mas também sua fonte — quem é responsável por tal atitude — e que relação se estabelece entre participantes de uma interação, que papéis assumem no evento de comunicação e diante de determinada atitude.

Martin e White (2005, p. 42) explicam que o subsistema da Atitude envolve três dimensões semânticas, dando conta daquilo que tradicionalmente chamamos de *emoção*, *ética* e *estética*. O referido sistema, como Carvalho (2012, p. 2) relembra, “inclui os recursos semântico-discursivos usados para expressar Afeto, Julgamento e Apreciação”. A seguir, apresentaremos uma breve descrição do referido subsistema, acrescentando as escolhas lexicais que normalmente realizam os significados semântico-discursivos expressos através de tais categorias.

Afeto, de acordo com Martin e White (2005, p. 42), pode ser entendido como a dimensão emotiva do significado, podendo ter polaridade negativa (i.e. triste; infeliz) ou positiva (i.e. feliz; contente). Acrescentamos que Afeto, em nosso *corpus*, tem forte conexão com a rejeição ou reação emocional ao que se sente/ experiência/ vivencia ou se constata. Assim, os internautas externam única e exclusivamente uma rejeição ou reação emocional, tendo tais atitudes uma forte relação com a condição existencial desses *avaliadores* (internautas) – a *avaliação* não se apresenta

de maneira racional, portanto. Os *emoticons* (caracteres paralinguísticos, grosso modo, indicadores virtuais das emoções – devido à falta de contato visual nas situações *online* observadas) podem ajudar a corroborar ocorrências de Afeto. *Emoticons*, como “U_U” ou “U.U”, servem para representar pálpebras e boca cerradas: podem, por exemplo, denotar anulação de diálogo com o *avaliado* – no sentido de não querer ver com quem se estava falando; indicar insatisfação, irritação ou rejeição ao que “o outro” nos disse em uma mensagem enviada anteriormente. Abaixo, de forma sucinta, apresentamos o quadro 1, com alguns traços comumente caracterizados como Afeto positivo e negativo (adaptado de MARQUES 2006, p. 81), somado a um exemplo de ocorrência de Afeto negativo (insatisfação), de acordo com a concepção deste trabalho:

ATITUDE		Como identificá-los:
AFETO	Positivo ou negativo	Alegria/tristeza
		Amor/ódio
		Segurança/
	Explícito ou implícito	Insegurança
		Satisfação/
		Insatisfação

Quadro 1: Situações que indicam o surgimento de avaliação via Afeto.



Exemplo (1): (Afeto (-); Insatisfação).

Martin e White (2005, p. 42), afirmam que, a partir da dimensão do Julgamento, podemos entender as atitudes relacionadas a comportamentos, em relação aos quais expressamos admiração ou crítica, elogio ou condenação.

Julgamento tem a função de “construir avaliações morais de comportamento” (CARVALHO, 2012). Ainda conforme Carvalho (2012, p. 7), o modelo de Martin (2000) traça uma distinção entre juízos emitidos de acordo com *estima social* e com *condenação social*. O primeiro desses juízos, conforme a autora, diz respeito ao tipo de avaliação cujas bases são a admiração ou a crítica pessoal, enquanto o segundo está baseado em valores tais como o elogio ou a condenação moral.

A fim de caracterizar os exemplos, segundo os três subtipos de Julgamento, Carvalho (2012) alerta que é preciso verificar se o juízo expresso se refere à *capacidade* dos participantes envolvidos em executar uma ação, em especial à sua competência em realizar algo de acordo com os padrões esperados. Ainda assim, a autora acrescenta que a experiência (grau de conhecimento acumulado) do envolvido na execução também é levada em consideração e essa noção se aproxima da *tenacidade*. Ainda relativo à *tenacidade*, acrescentamos ainda que, em nosso *corpus*, caberá, também, a avaliação quanto ao grau de comprometimento do *avaliado* na realização de suas funções. Da terceira categoria, *normalidade*, constam juízos que designam o quão especial é o *avaliado* naquilo que se propõe a fazer: original, ousado, previsível?

A seguir, a título de breve ilustração, incluiremos o Quadro 2, contendo itens lexicais comumente caracterizados como Julgamento positivo e negativo, a partir de Carvalho (2012, p. 8):

JULGAMENTO	Positivo	Negativo
ESTIMA SOCIAL		
Capacidade	Crerioso, competente, inteligente, talentoso, seguro	Incapaz, incompetente, ignorante, inseguro, insensível
Tenacidade	Paciente, metuculoso, experiente, confiável, persistente	Tímido, inexperiente, impetuoso, inconstante
Normalidade	Privilegiado, familiar, sortudo, especial, antenado	Estranho, excêntrico, ordinário, peculiar, desligado
APROVAÇÃO SOCIAL	Positivo (elogio)	Negativo (condenação) ‘mortal’
Veracidade/Honestidade	Sincero, honesto, fidedigno, real, autêntico, verdadeiro, franco	Desonesto, corrupto, fingido, cara de pau, falso, enganador, manipulador
Propriedade/Conduta (Ética)	Bom, moral, ético, cumpridor da lei, justo, imparcial, sensível, gentil, atencioso	Mau, imoral, um demônio em pessoa, corrupto, desleal, injusto, insensível, mesquinho, cruel

Quadro 2: Variedade de itens lexicais relacionados à categoria de Julgamento.



que_deselegante Apenas sou realista

Que deselegante esse pessoal do Orkut que escreve "souteira sim, sosinha nunca" e já invadiu o Twitter.

10/31/2011 Reply Retweet Favorite 202

Exemplo (2): (Julgamento (-): estima social: capacidade).



pittyli Filha do Catra

QUE DESELEGANTE o Ex Presidente Lula que sempre disse que a saúde pública era ótima, fazer seu tratamento de Câncer em Hospital Particular.

11/01/2011 Reply Retweet Favorite 8

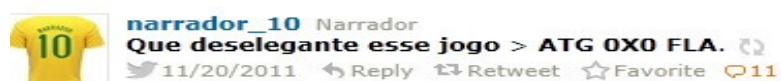
Exemplo (3): (Julgamento (-): condenação social; conduta ética).

Martin e White (2005, p. 43), explicitam que a dimensão semântica de *Apreciação* envolve a avaliação de fenômenos semióticos ou naturais, de acordo com os modos como tais tipos de fenômeno têm algum tipo de valor agregado ou não a estes. Complementando, Carvalho (2012) afirma que a última das categorias do subsistema em questão, *Apreciação*, se presta a “construir a qualidade ‘estética’ de textos/processos semióticos e fenômenos naturais” (MARTIN, 2000, p. 145-146 *apud* CARVALHO, 2012). Essas atitudes podem ser positivas ou negativas e podem ser *inscritas* (explicitamente expressas) ou *evocadas* (subentendidas). Acrescentamos que, em nosso *corpus*, na *Apreciação*, tais objetos e fenômenos são por nós avaliados de uma ótica externa (sendo caracterizados e/ou descritos), como se faz quando se avalia/ aprecia um quadro ou uma tela a serem observados.

Abaixo, brevemente, apresentaremos, a partir de Carvalho (2012, p. 8), o Quadro 3, contendo itens lexicais comumente caracterizados como *Apreciação* (MARTIN, 2000, p. 160 *apud* CARVALHO, 2012):

APRECIÇÃO		Positivo	Negativo
Reação	Impacto	Interessante, atraente, fascinante, intenso	Monótono, maçante, previsível, entediante
	Qualidade	Bom, bonito, esplêndido, maravilhoso	Ruim, sem graça, feio, repugnante
Composição	Proporção	Equilibrado, uniforme, simétrico, lógico	Irregular, desproporcional, distorcido, destoante
	Complexidade	Simples, elegante, preciso, detalhado	Simplista, exagerado, complicado, confuso
Valor	Relevância	Profundo, enriquecedor, significativo, desafiador	Superficial, insignificante, redutor, inútil
	Originalidade	Inovador, original, criativo, autêntico	Mundano, conservador, comum, convencional

Quadro 3: Itens lexicais que comumente realizam os significados de Apreciação.



Exemplo (4): (Apreciação (-): reação; impacto).

2.3 Atitude e o significado identificacionl como instrumental interpretativo

Após a análise dos dados obtidos, através do mapeamento de ocorrência das categorias de Atitude de Martin e White (2005), submeteremos tais dados a um instrumental interpretativo oriundo do Modelo de Análise Tridimensional proveniente da Análise Crítica do Discurso (ACD), de Fairclough (2003), ou seja: o *significado identificacionl*.

De forma breve, o *significado identificacionl* está ligado ao conceito de *estilo*. Isto é, ligado à construção de identidades no discurso. Tais identidades não têm um caráter fixo, estão, pois, em constante reformulação, se adaptando às diferentes restrições sociais e expectativas sobre como devemos nos apresentar em certo contexto.

Um dos focos de análise da ACD se localiza na dimensão linguístico-discursiva dos processos de identificação, podendo, tal dimensão, ser visualizada sob duas óticas: a da subjetividade e a da identidade social. Posto isso, o analista que se baseia na ACD pode olhar para os sujeitos do discurso de um texto/discurso por meio de pistas linguístico-discursivas tanto de sua subjetividade quanto de sua identidade social. Este sujeito, em Fairclough (2003), é de certa forma, “controlado”, mas não passivo, uma vez que este é capaz de realizar mudanças e apontar novos caminhos, sendo, também, um agente – um *agente social*. *Agentes sociais*, no processo de produção de seus textos, não são vistos como impedidos de proceder à escolha dos elementos que devem compor seus textos, nem nas relações entre os elementos que comporão esses últimos. Fairclough (2003) salienta que a *identificação* na linguagem representa tanto uma questão individual quanto coletiva. Assim, entendemos que a análise de *estilos* em textos envolve a observação de uma série de aspectos linguísticos, dentre os quais está a *avaliação*.

A *avaliação*, neste trabalho, se apoiará nas *afirmações com verbos de processo mental afetivo* (permeadas pela subjetividade) e compreenderá as *afirmações avaliativas* (para expressar um juízo de valor). As *declarações com verbos de processo mental afetivo* são, geralmente, *avaliações* de caráter pessoal, mostrando explicitamente como o autor se sente. Normalmente,

apresentam estruturas como “Eu *odeio* isso. Que *deselegante!*” ou “Eu *amo* quando teu time perde...que *deselegante!* rsrs”. Por outro lado, essas declarações podem, também, se apresentar como *processos relacionais em que o atributo é afetivo*, como no exemplo: “A professora descobriu minha cola: *momento Que deselegante!*”.

Por fim, as afirmações avaliativas, neste trabalho, referem-se a algo que é desejado ou não, sendo reconhecidas por marcadores tais como um atributo (um adjetivo – “deselegante”), ponto de exclamação (“Que deselegante!”) e/ou *emoticons* (como “U.U” ou “U_U”). As declarações com verbos de processo mental afetivo, assim como as afirmações avaliativas, também podem apresentar uma gradação de intensidade variável (de um nível menor para outro maior).

3 METODOLOGIA E CRITÉRIOS DE COMPILAÇÃO DO CORPUS

Considerando-se as possibilidades de abordagem do fenômeno de memes da Internet, em especial daquela observável em forma de expressão memética, conforme visualizações da Figura 2, acreditamos ser possível investigar o conceito de memes da Internet e seus processos de propagação dentro do escopo de estudo da Linguística, utilizando a Linguística de *Corpus* como instrumental metodológico.

A dimensão e o conteúdo de nosso *corpus* resumem-se em 3.267 amostras coletadas através do *Topsy.com* – um buscador *online*, onde determinamos as palavras “Que deselegante” como expressão de busca. Feito isso, o buscador nos apresenta todas as postagens contendo a expressão solicitada. Todas oriundas ou redirecionadas para o *microblog Twitter.com*, perfazendo tais amostras um total de 41.600 palavras. O período de coleta data de 31/10/2011 (dia de aparecimento da expressão memética) a Junho/2012. Todas essas postagens coletadas apresentam a referida expressão memética em um mínimo de contexto analisável e não estão dispostas de forma duplicada no *corpus*.

No que tange à compilação do *corpus* em si, de acordo com Berber-Sardinha (2004), foram observados os seguintes critérios^{iv}: a) Conteúdo e Finalidade; b) Tempo/Período que busca retratar; c) Representatividade; d) Autoria, Naturalidade e Autenticidade; e) Tamanho; f) Classificação dos Textos (conteúdo e registro/estilo); g) Modo (canal, formato e ambiente); h) Relação entre interactantes (a quem se dirige? por quem é escrito?); i) Campo (factualidade, propósitos e tópicos).

A metodologia empregada será de natureza híbrida (quantitativa e qualitativa): baseando-nos na frequência observada em um determinado número de ocorrências de uma categoria (constantes das listas de palavras mais frequentes e de *colocados*, subsequentemente), faremos, posteriormente, uma análise, classificação e interpretação dos dados encontrados, a fim de, se possível, generalizar tais resultados. Tal escolha metodológica revela nossa intenção de olhar os dados no que diz respeito a número, volume, distribuição, abrangência e frequência.

A pretensão de análise é a de mapear os padrões de uso e, consequentemente, de proliferação da expressão memética “Que deselegante” que se apresentam no *corpus*, interpretando os significados presentes nestes usos. Como modo de entrada nos dados, para procedermos à nossa análise, apoiar-nos-emos na *abordagem baseada no corpus* (SHEPHERD, 2009). Uma vez que estamos utilizando a Linguística de *Corpus* como metodologia, para definir quem é o ‘outro’ e como este é *avaliado*, utilizaremos o programa *Wordsmith Tools v. 5* (2011) e duas de suas

ferramentas básicas: um listador de palavras e um concordanciador. Extrairemos, conforme Figuras 3 e 4, uma lista de palavras mais frequentes e listas de concordâncias baseadas em colocados, conforme Shepherd (2009), formados pelos seguintes padrões combinatórios: que deselegante + o/a/ isso, esse/a, este/ aquela/, ele/ela/, eu, você/você/, pessoas (eles/elas).

N	Word	Freq.	%	Texts	%_lemmas	Set
1	QUE	4,109	9.65	3,265	99.94	
2	DESELEGANTE	3,300	7.75	3,264	99.91	
3	#	962	2.26	780	23.88	
4	DE	951	2.23	826	25.28	
5	O	799	1.88	699	21.40	
6	A	795	1.87	697	21.33	
7	E	713	1.68	652	19.96	
8	T	692	1.63	676	20.69	
9	CO	688	1.62	674	20.63	
10	HTTP	685	1.61	672	20.57	
11	NÃO	526	1.24	512	15.67	
12	DO	483	1.13	434	13.28	
13	NO	440	1.03	414	12.67	
14	DA	359	0.84	333	10.19	
15	É	353	0.83	316	9.67	
16	RT	325	0.76	312	9.55	
17	NA	309	0.73	297	9.09	
18	COM	276	0.65	259	7.93	
19	EM	271	0.64	256	7.84	
20	EU	254	0.60	240	7.35	
21	PRA	218	0.51	206	6.31	
22	ME	208	0.49	194	5.94	
23	UM	202	0.47	191	5.85	
24	VOCÊ	191	0.45	183	5.60	
25	SE	167	0.39	161	4.93	
26	U	152	0.36	74	2.27	
27	OS	139	0.33	128	3.92	
28	PARA	134	0.31	124	3.80	
29	UMA	125	0.29	121	3.70	
30	VAI	121	0.28	114	3.49	
31	TFM	120	0.28	119	3.64	

frequency alphabetical statistics filenames notes

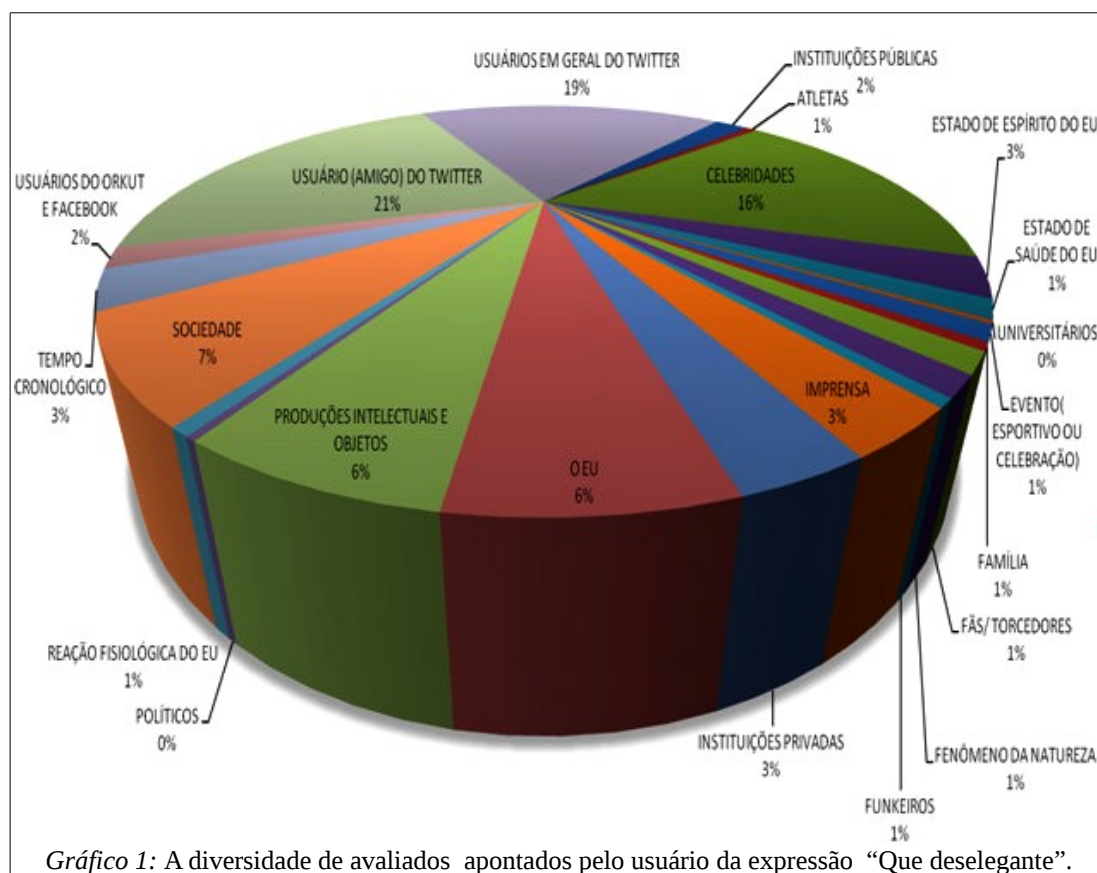
Figura 4: Lista de palavras mais frequentes no corpus (para extração de colocados).

Concordance	
QUE DESELEGANTE	o Christopher não entrar no twitter só pq fez twittcam u.u
QUE DESELEGANTE	O SÃO PAULO PERDER EM CASA...
QUE DESELEGANTE	o justin nao me dar 30 segundos com ele
Só to viajando demais! Desculpa! Rsr RT @CyBgon :	QUE DESELEGANTE o @CapellaRodrigo chamou Natal de Manaus
masoq , Fã Clube usando big follow! que deselegante,	o_o
QUE DESELEGANTE	o justin seguir 118.908 pessoas e não me seguir
QUE DESELEGANTE	O Governo Lula-Dilma,proteger e ser CONIVENTE com tanto roubo,corrupção,
	que deselegante o fato de existir
	Que deselegante o modo como a @aamandathomsen falou com meu amigo Ignácio
QUE DESELEGANTE	o Justin não ter colocado o Brasil na lista de países que vão lançar
	que deselegante o fim de semana acabar assim tão rapido
	que deselegante o nascimento de certas pessoas
QUE DESELEGANTE	o Justin nao largar a Selena nem um minuto.
QUE DESELEGANTE	o #AprendiComEscolhiEsperar ainda não estar nos TT's :P

Figura 5: Exemplo de uma lista de colocados contendo o padrão “que deselegante + o”.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir do *conceito de avaliação enquanto função*, a análise dos dados se dividiu em duas partes, a saber: a) *o que foi avaliado?* – *avaliados animados ou inanimados?*; b) *como ocorreu a avaliação* – isto é, através de qual categoria de Atitude (Afeto, Julgamento ou Apreciação) o usuário da expressão *memética* apontou para o “outro”? Sendo assim, a interpretação dos dados dar-se-á na ordem em que ocorreu a análise. Após analisar as referidas listas de colocados preestabelecidos, obtivemos os seguintes dados:



O gráfico acima nos mostra como o usuário da expressão memética “Que deselegante” se afastou do padrão de uso e de replicação da menção original. Quanto à análise de todos os *avaliados*, curiosamente, pudemos observar que esses tipos de padrão evoluíram para duas categorias: *avaliados animados* (pessoas) e *inanimados*. Essa evolução de uso e de replicação da expressão se localizou, mais especificamente, no que tange ao princípio constitutivo, em primeiro lugar, de “*fecundidade*” (DAWKINS, 1979). Isso significou que a expressão memética se mostrou fecunda e propícia à proliferação de novos padrões de uso e de replicação, não sendo tais padrões de natureza monolítica. Em segundo lugar, no que se relacionou ao princípio constitutivo de “*alcance*” (RECUERO, 2006), não houve aplicação somente com referência aos domínios virtuais e geográficos percorridos. Isto é, dentro de uma perspectiva Funcional Hallidayana (1987), como argumentamos e analisamos o fenômeno, aqui, olhamos para a relação *produtor de mensagens x destinatário*, promovendo-se, então, um alcance linguístico diverso de destinatários, o que implicou

em uma relação simbiótica de *fecundidade* que promove mais *alcance* e vice-versa.

No que se relacionou ao *detalhamento da avaliação*, isto é, através de que tipo de categoria de Atitude (Afeto, Julgamento ou Apreciação) o usuário da *expressão memética* “Que deselegante” *avaliou* “o outro”, obtivemos os seguintes resultados, após analisar as listas de colocados:

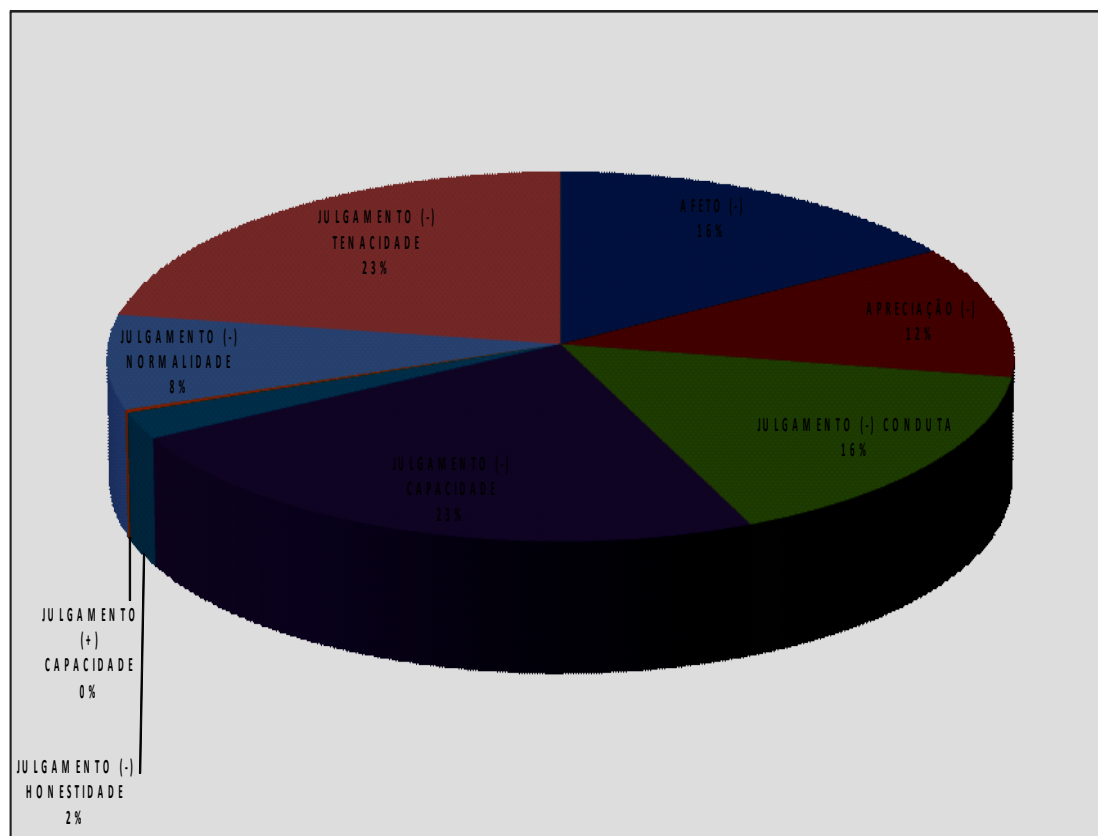


Gráfico 2: O detalhamento da avaliação empregada pelos internautas no uso do “Que deselegante”.

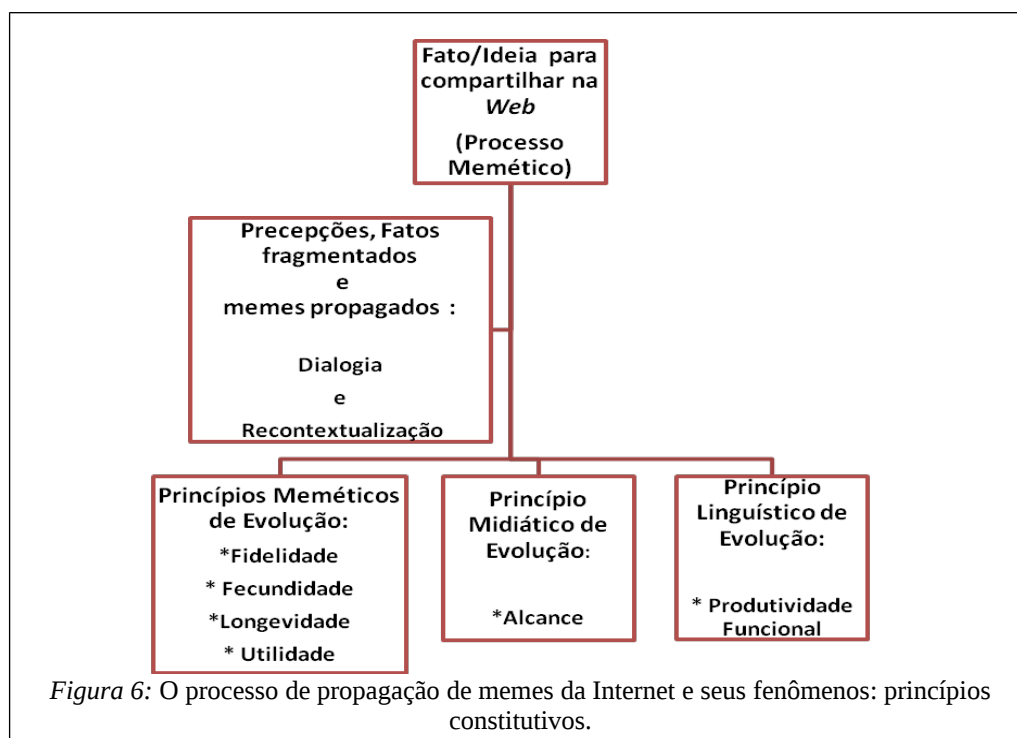
É perceptível a produtividade funcional da expressão memética “Que deselegante”, que, ainda na sua menção original, proferida por Sandra Annenberg, tinha um padrão de Atitude classificado como Julgamento (Condenação social – conduta; polaridade negativa), mas, quando passa a ser utilizado pelos internautas, os mesmos modificaram tal padrão de uso e, consequentemente, de replicação. Assim, o referido padrão é deslocado, em primeiro lugar, para outras categorias antes não verificadas, isto é: Afeto e Apreciação. Em segundo lugar, a produtividade funcional revelou novos padrões de uso e de replicação, inclusive dentro da própria categoria de Julgamento.

Uma interpretação dos novos padrões de uso e de replicação revelados através das categorias de Atitude encontrados no *corpus*, tomando como base o *significado identificadoral* da ACD (FAIRCLOUGH, 2003), mostra-nos que a expressão memética, após adentrar a Internet, passou a ser usada com a função de possibilitar aos *agentes sociais* (internautas) que eles, através do uso dialógico e recontextualizado da expressão memética, constituíssem-se no discurso, através das relações implicadas pelas categorias, mais especificamente, de Julgamento e Afeto com polaridades negativas.

Baseando-nos nas postulações de Dennett (1995), isto significa dizer que os padrões de uso e de replicação da expressão memética aqui investigada, conforme visualizações no Gráfico 2, revelam que o internauta redesenhou (portanto, não de forma algorítmica) a *funcionalidade* de “Que deselegante”, fazendo com que a *avaliação*, empregada através do uso dessa *expressão memética* se configurasse como *afirmações avaliativas* (exprimindo juízo de valor) e também como *afirmações com verbos de processo mental afetivo*. Tal resultado de análise sugere, também, por exemplo, uma releitura e uma nova caracterização acerca do tipo de significado atribuído aos fenômenos meméticos da Internet, comumente, na Web e por estudiosos de fenômenos midiáticos, tido como significado “humorístico e de divertimento/entretenimento”.

Através da evidência de um *corpus* e da materialidade linguística oriunda da utilização da expressão memética que o compõe, os resultados sugerem uma significação divergente. Os dados obtidos através da referida materialidade podem, por exemplo, propor a áreas como a de Comunicação Social, que analisam a replicação dos memes puramente como fenômeno midiático, um olhar mais abrangente sobre a constituição dos fenômenos meméticos da Internet – a linguagem os integra!

Assim, concluímos que o tipo de evolução funcional evidenciado neste estudo rompeu – ao nível do propósito/função – com a característica de “fidelidade” apontada por Dawkins (1979; 1982). Por outro lado, ratificou aquela característica denominada de “fecundidade” e a de “utilidade” (BLACKMORE, 2002). Entendemos que duas características do modelo de Dawkins (1979) se mostram mais marcantes na caracterização do processo de propagação dos memes da Internet e seus fenômenos (i.e. “fecundidade” e “longevidade”). Em contraste, a característica de “fidelidade” aparenta não se manter fixa. Esboçamos, sucintamente, nossa sugestão de um modelo atualizado do referido conceito, através da Figura 5, abaixo:



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, exploramos os conceitos de memes da Internet e seus fenômenos, Avaliação e *produtividade funcional*, utilizando a Linguística de *Corpus* como metodologia.

Como forma de investigar a *produtividade funcional* da expressão *memética* “Que deselegante”, apoiamos-nos no conceito de Alteridade e Dialogia (BAKHTIN, 1997) e Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), para propor um instrumento de análise denominado *conceito de avaliação enquanto função*. Através de tal conceito, procedemos às nossas análises, através de duas subdivisões do referido conceito: *o avaliado* (quem/ o que o usuário da expressão *avalia*?) e *o detalhamento da avaliação* (de que modo o usuário da expressão *avalia* “o outro”?).

Através da metodologia de Linguística de *Corpus*, selecionamos, como modo de entrada nos dados, uma lista de palavras mais frequentes e, em seguida, listas de colocados pré-definidos, com o seguinte padrão combinatório: que deselegante + o/a/ isso, esse/a, este/ aquela/, ele/ela/, eu, você/vocês/, pessoas (eles/elas). Através do *conceito de avaliação enquanto função*, as listas de colocados analisadas revelaram que, após a *memetização* da expressão “Que deselegante”, seus padrões de uso e de replicação não se mantiveram monolíticos nem quanto aos tipos de *avaliado*, muito menos quanto ao *detalhamento da avaliação*.

No tocante à interpretação dos novos padrões de uso e de replicação revelados através das categorias de Atitude encontrados no *corpus*, tomando como base o *significado identificacional* da ACD (FAIRCLOUGH, 2003), pudemos observar que a *expressão memética*, após adentrar a Internet, revelou novos padrões de replicação baseados na categoria de Afeto e Apreciação, por exemplo, evidenciando e corroborando a possibilidade do agenciamento através da linguagem como fator importante na propagação dos *fenômenos meméticos da Internet*. Assim, vimos que a linguagem também integra esses *fenômenos*, eles não são puramente memético-midiáticos.

Os referidos padrões novos trazem em seu bojo sujeitos, que, de acordo com Fairclough (2003), de certa forma, são “controlados” – no que se refere ao fato de tais sujeitos terem de se manter usando a expressão fixa “Que deselegante” para a propagação do *fenômeno memético* de mesmo nome. Esse “controle”, no entanto, ainda no sentido de Fairclough (2003), não revelou somente sujeitos “passivos”, uma vez que mudanças foram evidenciadas através da *produtividade funcional* de padrões de uso da *expressão memética*, evidenciando-se, também, os *agentes sociais*.

De uma perspectiva externalista da Memética, Dennett (1995) já postulara a presença de indivíduos “designers” no processo de replicação de memes. Os resultados empíricos deste estudo ecoam em forte sintonia com as vozes de Dennett (1995) e Fairclough (2003), considerando-se as abordagens de cada um dos autores, obviamente, como instrumentais de endosso e de corroboração do que fora observado em Souza Júnior (2012), ou seja: a característica de “fidelidade” aparenta não se manter fixa – ao nível do propósito – no processo de propagação de memes da Internet e seus fenômenos.

É certo que, no processo de replicação de memes da Internet, internautas fazem uso de formas fixas, como a *expressão memética*, por exemplo. A questão fundamental que se colocou neste estudo foi a seguinte: será que todos, só porque usam um mesmo item fixo, estão replicando coisas iguais? Os resultados obtidos mostraram que não. Mostraram também que devemos investigar forma e função/ propósito com pesos iguais no referido processo de propagação, examinando qual dos dois aspectos, inerentes a todos os memes (do ponto de vista da linguagem), vai variar ou não de padrão em sua jornada de propagação.

Aqui, diferentemente do que apontou Recuero (2006), refletimos se as características e o conceito de meme de Dawkins (1979) se mostram (epistemologicamente) adequados para caracterizar o conceito de memes da *Internet* e, conseqüentemente, explicar os *fenômenos* que esses desencadeiam na *Web*. Os resultados sugerem que esses conceitos são, epistemologicamente, contrários. Isto é, enquanto a conceituação original de memes, a partir de Dawkins (1979; 1982), aponta para um modelo de replicação monolítica e algorítmica; no mundo virtual, mais especificamente no âmbito das redes sociais, esse modelo de propagação, a partir de nosso estudo, se mostrou heterogêneo e não-algorítmico, portanto.

Finalizando, como encaminhamento de pesquisa, apontamos a necessidade de dar prosseguimento à investigação da *produtividade funcional* de outras *unidades de análise* (i.e. *imagens* ou *ilustrações meméticas*, *vídeos meméticos*, em português ou não) que, assim como as *expressões meméticas*, também contribuem para o processo de propagação de *fenômenos meméticos da Internet*. Essa investigação deverá se valer de diferentes sistemas analíticos da Linguística, no sentido de ratificar tal tipo de *produtividade* por nós aqui sugerida como uma nova característica constitutiva do processo de propagação de memes da *Internet* e seus *fenômenos*.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BERBER-SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- BLACKMORE, Susan. *The meme machine*. Oxford University Press, 1999.
- BLACKMORE, Susan. *A evolução das máquinas de memes*. Trabalho apresentado no International Congress on Ontopsychology and Memetics, Milão, 2002. Disponível em <<http://www.susanblackmore.co.uk/Conferences/OntopsychPort.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2011.
- CARVALHO, Gisele. A prosódia atitudinal: apreciação e julgamento em críticas de cinema. In: VIAN Jr., O. SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (Org.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 113-129.
- DAWKINS, Richard. *The selfish gene*. Oxford University press, 1979.
- DAWKINS, Richard. *The extended phenotype*. Oxford University press, 1982.
- DENNETT, Daniel. C. *Darwin's Dangerous Idea: Evolution and Meaning of Life*. The Penguin Press, 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analyzing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

HALLIDAY, Michael. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2. ed.) London: Edward Arnold, 1987.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. Uma crítica à memética de Susan Blackmore. *Revista de Filosofia Aurora*. Curitiba, v. 25, n. 36, p. 179-195, jan./jun. 2013.

MARQUES, Gabriela. O. *Tecnologia e Internet no ensino de língua estrangeira: avaliação discursiva de professores e alunos*. 162 f.; 30 cm Dissertação (mestrado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARTIN, James. R. Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English. Em Hunston, S.; Thompson, G. (Ed). *Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p.142-175.

MARTIN, James. R.; ROSE, David. *Working with Discourse: meaning beyond the clause*. New York: Continuum International Publishing Group Ltd, 2003.

MARTIN, James. R.; WHITE, Peter. R. R. *The Language of Evaluation – Appraisal in English*. New York: Palgrave, Macmillan, 2005.

RECUERO, Raquel. Memes em weblogs: proposta de uma taxinomia. In: *XVI Encontro Anual da Compós*. 2006, Bauru – SP. XVI Encontro Anual da Compós – *Anais*, 2006.

SHEPHERD, Tânia. *O Estatuto da Linguística de Corpus: metodologia ou área da Linguística? Matraga*. v. 16. n. 24. jan-jun, 2009.

SCOTT, Mike. *WordSmith Tools version 5*. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2011.

SOUZA JÚNIOR, Jaime. Memes da Internet, referenciação e sua produtividade funcional. In: *XI Fórum de Estudos Linguísticos da Uerj*. 2012, Rio de Janeiro – RJ. XI Fórum de Estudos Linguísticos da Uerj – *Anais*, 2012.

TOPSY. Disponível em: <<http://topsy.com/>>. Acesso em: 02/08/2012.

TYLER, Tim. *On memetics*. 2010. Disponível em: <<http://on-memetics.blogspot.com.br/2011/09/tim-tyler-internalism-vs-externalism-in.html>>. Acesso em: 03 jun. 2012.

VIAN Jr., O. SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (Org.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

YOUPIX. Disponível em: <<http://youpix.com.br/>>. Acesso em: 02 ago. 2012.

- i Neste estudo, por exemplo, utilizaremos o sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005).
- ii A expressão memética “Que deselegante”.
- iii Entendemos os fenômenos meméticos e as *flash mobs* como movimentos digitais distintos quanto aos propósitos gerais que buscam atingir, mas semelhantes quanto aos mecanismos ou procedimentos de replicação evolutiva ou memetização dos quais seus proponentes fazem uso para que esses movimentos sejam propagados. Devido à necessidade de limitação de páginas neste trabalho, temos a intenção (partindo do ponto de vista da linguagem) de explorar e explicitar as referidas diferenças em trabalhos futuros.
- iv Para detalhamento completo dos critérios, ver Berber-Sardinha (2004).